



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES VISUAIS

PEDRO VAZ E SILVA

ENSAIO SOBRE REGINA

Brasília
2017

PEDRO VAZ E SILVA

ENSAIO SOBRE REGINA

Trabalho apresentado ao curso de Graduação em Artes Plásticas do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília (UnB) como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharelado.

Brasília

2017

Universidade de Brasília (UnB)

Instituto de Artes (IdA)

Bacharelado em Artes Plásticas

Banca examinadora composta por:

Prof. Me. Elder Rocha Lima Filho (Presidente)

Prof^a. Dr^a. Andrea Campos de Sá (Examinadora)

Prof^a. Dr^a. Luisa Günther Rosa (Examinadora)

Endereço: Universidade de Brasília. Campus Universitário Darcy Ribeiro – Asa Norte.

Brasília – DF – Brasil. CEP 70910-900.

Site: <<http://www.ida.unb.br>>.

PEDRO VAZ E SILVA

ENSAIO SOBRE REGINA

Trabalho apresentado ao Curso de Graduação em Artes Plásticas do Departamento de Artes Visuais da Universidade de Brasília – UnB como parte dos requisitos para a obtenção do título de Bacharelado.

Banca Examinadora:

Brasília – DF, 4 de Dezembro de 2017.

Prof. Me. Elder Rocha Lima Filho

IDA/UnB – orientador

Prof^a. Dr^a. Andrea Campos de Sá

IDA/UnB – Membro

Prof^a. Dr^a. Luisa Günther Rosa

IDA/UnB – Membro

Sumário

Um pouco sobre o Pedro	6
Anos iniciais e orientações	7
Capítulo I	8
Capítulo II	11
Capítulo III	16
Pretensões futuras	20
Referências	21
Anexos	
I	22
II	24
III	28
IV	31

Um pouco sobre o Pedro

Um pequeno garoto nascido em Brasília, que desde cedo se interessava pela estética das coisas. Não que na época ele soubesse o que era isso ou o que significava, mas hoje quando lembra vê que era bem esse seu interesse. Seus fascínios sempre foram mais visuais do que qualquer outra coisa. Números e palavras não o atraíam. Não que esses não sejam visuais, mas seus interesses nunca foram matemáticos ou literários, e sim pictóricos.

Quando criança, foi com os pais á uma exposição sobre desenhos, de várias crianças de séries diferentes, incluindo um que ele havia feito. Foi divertido! Sempre amou desenhar e pintar, mas sua grande paixão mesmo eram as revistinhas de colorir. O vermelho era sempre o primeiro lápis a acabar, e então a solução era comprar uma nova caixa, para que ele tivesse seu vermelho novamente. O resultado disso? Milhões de lápis de outras cores, muitas vezes repetidas, nunca usados e que se multiplicavam.

Ainda quando pequeno, pensou em ser veterinário, sonho da maioria das crianças que gostam de animais. Mas o pensamento foi mudando e seu gosto pela aparência das coisas foram o direcionando para a publicidade. Ama ver as propagandas, refletir sobre as mesmas e construir outras possibilidades. Nunca sofreu pressão para fazer direito ou medicina, o que é um clássico. Sua mãe sempre foi bem tranquila quanto a isso. Então o pequeno decidiu se arriscar pelo mundo das artes.

Anos iniciais e orientações

No início da vida acadêmica aquele garotinho, que agora opto por revelar ser eu, não que isso seja de grande surpresa meu caro leitor, mas apenas para poder escrever em primeira pessoa.

Não passando diretamente para Artes Plásticas na UnB, comecei minha vida acadêmica no curso de Fotografia em outra universidade. Passei, porém, na UnB, quando estava no segundo semestre da então faculdade de fotografia. Decidi fazer as duas ao mesmo tempo, já que era viável a ideia.

Então formado em fotografia, pude me dedicar por completo ao curso de Artes Plásticas. Inicialmente direcionado á licenciatura. No entanto com o passar dos semestres e das disciplinas cursadas foi crescendo a atração pelo bacharelado, para poder desenvolver e aprimorar minha arte.

Porem é complexo “desenvolver e aprimorar” meu trabalho, a citar o tema do mesmo, que nunca foi muito claro e me fez meio que “atirar para tudo que é lado” no início. Melhor explicando, eu não tinha muito um foco ou um objetivo. Hoje em me lembrar do portfólio com que entrei no curso me dá um pouco de vergonha e embaraço. No início eu só conhecia e era familiarizado com o desenho, e meus materiais eram basicamente o grafite. Depois com o tempo veio a fotografia, com a qual pude me divertir bastante, principalmente com a parte de produção.

Então com o tempo fui conhecendo e me apaixonando pela gravura e pintura. A escultura embora eu a compreenda e saiba fazer, não foi algo que cresceu dentro de mim.

Agora me vejo com dois dilemas, o primeiro em se tratando do tema, da temática; e o segundo se tratando do suporte, do material com o qual construir narrativas.

Capítulo I

Ou raízes elementares

Tenho medo de escrever sobre meu trabalho e ser demasiadamente longo, por percorrer caminhos tão variados. Até mesmo se resumir a temática Drag, ainda assim creio que seria muita coisa. Mas também não quero que a escrita se torne algo vago e sem valor.

Prometo me esforçar ao máximo para tornar sua leitura a mais proveitosa e prazerosa possível.

A arte que faço nunca teve uma característica única nem um modelo. Se bem que, se eu tivesse que arriscar um padrão para ela seria eu mesmo, tentando me explicar: Meus assuntos de interesse, minhas vivências, tudo aquilo que de algum modo me marcou visualmente, seja por sua beleza, cores, formato, estranheza... São muitos os fatores para que algo possa me chamar atenção e me marcar. Porém um fato curioso é que todos os caminhos, por assim dizer, se condensaram na arte drag, a esse universo multicolorido e multifacetado, que creio ser o universo em que meu trabalho habita. Não queria ter ou tentar definir o que seria a arte drag. Porém para tornar mais claro a percepção do presente trabalho me vejo no dever de elucidar o termo.

A drag não tem a intenção de se parecer com uma mulher. Ela é o extrapolamento das fronteiras do feminino e do masculino até o limite dos gêneros conhecidos, sendo assim, a identificação das drag queens com o gênero feminino e masculino se dá numa forma limítrofe do entre, pois ela não é identificável em nenhum desses gêneros. (SANTOS, 2008, p. 42).

Se fizermos uma breve pesquisa na internet temos que:

Drag queen

d.ræg kwɪn/

1. *locução substantivo*

homem que se veste com roupas extravagantes de mulher e imita voz e trejeitos tipificadamente femininos, ger. apresentando-se como artista em *shows* etc.

Porém, a definição me parece um tanto quanto falha, pois creio que não há um modo de sintetizar o termo “Drag Queen” de uma maneira única e assertiva. Buscando a historicidade do termo vemos que se originou no século XIX. Foi criado para caracterizar e identificar um grupo de atores que se vestiam e *performavam* como mulheres no teatro, já que naquela época as mulheres não participavam das artes cênicas como atrizes.

Para tal ato, os homens que exerciam esses papéis exageravam na maquiagem, no vestuário e nos trejeitos para representar o feminino, a feminilidade. Acredita-se que o termo “drag”, do verbo arrastar em inglês, tenha sido atribuído a essas personagens pelos enormes e pesados vestidos que “arrastavam” por todo o palco.

Novamente tenho medo de estar sendo vago, mas esse é um breve resumo sobre a origem, e o princípio da arte drag.

Logo depois disso, tiveram vários nomes que ajudaram a perpetuar o termo e a arte pela história, tais como¹ Madame Butterfly² na ópera de Giacomo Puccini na década de 20, Jean Malin³ em Pansy Craze⁴ na década de 30, Francis Renault⁵ como impressionista feminino na década de 40, Lavern Cumming⁶ na década de 50, Danny La Rue⁷ na de 60 e Divine⁸ da de 70. Todas fazendo arte Drag, e o músico David Bowie⁹ nos anos 80, que também usava da arte drag em suas performances e caracterizações. *{Para melhor ilustrar conferir Anexo I}*

Em minha pesquisa, assim como o termo Drag, encaminhou-se a mim o termo Queer.

Queer é um momento contínuo, movimento, motivo – recorrente, circular, inquieto. A palavra *queer*, que significa “através”, origina-se de raízes indo-europeias – *twerkwo* –, que também origina o alemão *quer* (atravessado), o latim *torquere* (torcido, entrelaçado) e o inglês *athwart* (transversalmente). Sutilmente, ele é relacional e estranho. (SEDGWICK, 1993, XII)

¹ Os nomes aqui presentes foram extraídos de um vídeo intitulado “100 Years of Drag Queen Fashion” ou *100 Anos de Drag Queen Fashion*.

² Personagem usado como inspiração.

³ Personagem de Gene Malin, um dos primeiros artistas abertamente homossexual.

⁴ Pansy Craze – uma série de festas selvagens cheias de Drag Queens e músicas descoladas.

⁵ Vivida por Antonio Auriemma, que começou sua carreira como substituído de atrizes da Broadway, e mais tarde se tornaria cover de Lillian Russell.

⁶ Drag vivida por Paul Cummings, que se apresentava cantando ao vivo no Finocchio’s Club.

⁷ Nascido Daniel Patrick Carroll na Irlanda, se consagrou cantor e animador com sua personagem.

⁸ Harris Glenn Milstead, se tornou ícone do cinema underground norte-americano.

⁹ Embora o cantor pareça um tanto quanto deslocado da lista, há nele elementos referentes ao universo Drag. Ele pode não ter uma personagem característica, ou trejeitos femininos. Mas assim como a cantora Lady Gaga vivem nesse misto de androgenia e exagero. Tão presentes na arte Drag.

No início, o termo foi utilizado no sentido de denegrir e ofender pessoas consideradas estranhas em razão da sua sexualidade. Porém, ele foi reempregado no sentido positivo, subvertendo assim, o sentido original.

O termo então passou a representar o que não se encaixava, o que era diferente e estranho. Mas o *queer* não se limita e não estipula regras e normas. Queer é muito mais um estado, uma condição do sujeito na sociedade.

Queer é tudo isso: é estranho, raro, esquisito. Queer é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transexuais, travestis e drags. É o excêntrico que não deseja ser ‘integrado’ e muito menos ‘tolerado’. Queer é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do ‘entre lugares’, do indecível. Queer é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina (LOURO, 2004).

Acredito que meu trabalho, adquiriu esse estado *queer*, mesmo que sem meu consentimento. Assim falando, parece que o trabalho tem vida própria, mas creio que de alguma forma ele tenha mesmo, a nossa vida, nossas vivências e experiências modificam diretamente e indiretamente nossa arte.

No início da minha pesquisa, esse objetivo “queer” não estava claro. Porém hoje, com esse novo olhar vejo que a estranheza e o transversal são coisas que não mais me assuntam. Talvez para o “Pedro” de antigamente sim, tanto que lembro claramente da péssima sensação que senti quando chamaram minhas fotos de esquisitas, mas hoje vejo que tive que passar por isso para amadurecer tanto a mim quanto minha arte.

Capítulo II

Ou influências e inspirações

E agora? Para onde correr ou em quem se segurar quando o assunto é arte drag ou arte queer?

No começo da pesquisa, isso me tirou algumas noites de sono, pois o que eu fazia não se parecia com nada que ninguém fizesse. Me sentia como uma espécie de patinho feio {a lembrar que no final da história o patinho se torna um belo cisne}.

Mas a vida sorriu para mim e logo encontrei minha “turma”. Com o auxílio de bons professores cada vez mais meu repertório de artistas foi crescendo. Artistas esses por quem fui me apaixonado e me inspirando.

Não sabendo a melhor forma de apresentá-los e/ou citá-los, farei semelhante as “matriarcas” {o que quer dizer que você encontrará imagens dos mesmos no Anexo II} farei aqui uma lista com eles:

- | | |
|--------------------|---------------------|
| - RuPaul | - David LaChapelle |
| - Leigh Bowery | - Cindy Sherman |
| - Laerte | - Grayson Perry |
| - Andy Warhol | - Yasumasa Morimura |
| - Divine | - Claude Cahun |
| - Dzi Croquettes | - Alex Vallauri |
| - Pierre et Gilles | - Ulay |

Por se tratar de uma lista nada homogenia, e que fora da minha cabeça pode não fazer muito sentido. Prontifico-me a esclarecer o porque cada um dos nomes se encontra na presente lista.

RuPaul,

RuPaul é um espetacular ato de auto-reinvenção e reivindicação Drag. Ele criou uma personagem – atrevida, forte, linda e negra – mas argumenta que sua performance é de um personificador feminino, alegando que ele não se parece com uma mulher, e sim com uma Drag Queen: ‘Eu não penso que eu poderia nunca me assemelhar com uma mulher. Elas não se vestem desta forma. Somente Drag Queens se vestem assim. [...] Tudo é Drag. Só que a minha é mais glamurosa’ (BAKER, 1994, p. 258).

Foi assistindo ao *reality show* apresentado por ela, o qual leva seu nome “*RuPaul Drag Race*”, que “meu mergulho” na arte Drag começou. Foi ali que comecei a ver o que era isso é começar a pensar em todas suas potencialidades.

Pode se dizer que Ru foi como uma mãe para mim, Banker faz uma majestosa definição de quem é RuPaul.

Leigh Bowery, de uma excentricidade única, Leigh se torna uma grande inspiração para mim. Já que ele não faz o que a maioria faz. Ele é precursor na arte que faz. É um artista, e desse modo leva a arte Drag para a galeria, o que ninguém havia feito antes. Deste modo devo a ele grande parte da minha reflexão sobre meu trabalho, arte drag e o espaço de arte.

Laerte, a famosa cartunista e chargista brasileira, com seus quadrinhos que discutem sexualidade e gênero, principalmente os da personagem Muriel. Laerte é para mim um grande exemplo de artista, bem como de ser humano.

Andy Warhol, além de todo seu repertório na pop arte, que muito me inspira em questão de cor e forma, descobri recentemente fotos vestido de Drag, que me trouxeram muita alegria.

Divine, é um escândalo de mulher. Seu visual *trash*, bem como sua carreira me inspiram muito.

Dzi Croquettes, tenho uma relação de amor e ódio com esse grupo de artistas que se apresentavam em um magnífico espetáculo durante a ditadura. Digo que é uma relação de amor e ódio porque, ao mesmo tempo que os acho incríveis e eles são meio que tudo que eu queria fazer na vida, tenho ódio de não ter vivenciado o que foram os Dzi Croquettes. Assistindo ao premiado documentário produzido por Tatiana Issa e Raphael Alvarez, fui transportado para aquela realidade, o que me encheu com várias sensações que não sei nem ao certo descrevê-las.

Pierre et Gilles, casal de fotógrafos franceses, com uma produção extremamente brega, e ao mesmo tempo incrível. Folei um livro deles a alguns anos atrás no início da faculdade de fotografia, e foi amor à primeira vista.

David LaChapelle, também fotógrafo, porém estadunidense. As fotos de David conversam muito bem com as dos fotógrafos a acima. Dentre seus principais interesses estão celebridades, a cenografia e um incrível uso de cor. Coisas que estão também bem presentes em meu trabalho.

Cindy Sherman, mais uma no hall dos fotógrafos, fotógrafa e diretora de cinema americana. Suas séries de autorretratos que representam estereótipos e clichês da mulher americana. Cindy faz valer da arte Drag, ao levantar questões importantes da representação e do papel da mulher na sociedade.

Grayson Perry, esse cara é muito doido, e era tudo que eu queria ser. Grayson é um artista inglês, tem como característica do seu trabalho fazer belos e clássicos vasos de cerâmica, com pinturas que são o aposto disso. Além do seu trabalho plástico, ele tem um alter ego “Clarie”, com o qual desfila por aí.

Yasumasa Morimura, um artista japonês que tem um verdadeiro fascínio por artistas e celebridades. Ele faz algo semelhante a Cindy Sherman, porém ao invés de um personagem ou estereótipo, ele cria autorretratos inspirados em obras e artistas. O que muito me interessa.

Claude Cahun, nascida como Lucy Mathilde Schwob, Claude foi um artista, fotógrafo e escritor francês. Que em seu trabalho buscava minar os conceitos tradicionais de papéis e gênero. Semelhante a Cindy e Yasumasa, Claude faz uma série de fotografias onde muitas vezes o gênero não está explicitado. Uma androgenia sem igual.

Alex Vallauri, o artista etíope que reside no Brasil. Me encheu os olhos com seu trabalho intitulado *Rainha do Frango assado*. Podem falar o que quiser, mas para mim ela é uma Drag puríssima! Seus grafites e instalações estão no hall das minhas influências.

Ulay, Frank Uwe Laysiepen, um artista alemão. Entra nessa lista por um trabalho que se assemelha ao de Warhol, uma série de fotos em que aparece vestido metade de homem metade de mulher.

Esses nomes de certa forma, bem como suas obras e história de vida estão de certa forma presente em meu imaginário, e muitas vezes reproduzido de certa forma em meu trabalho.

Dentre várias outras Drags que povoam meu repertório e memória, tais como as Deendjers, Bianca Del Rio, Adore Delano, Trixie Mattel, Kim Chi, Milk...

Bem, além dessas raízes visuais, busquei também raízes teóricas. Ou melhor dizendo, busquei um local onde meu trabalho se encaixasse, pois creio que pode importar em alguns pontos.

Mesmo com a ajuda de diversos professores, sempre tive dificuldade em categorizar ou estabelecer uma relação com algo já existente. Mas, “água mole em pedra dura tanto bate até que fura”, então com minha pesquisa consegui perceber elementos do Kitsch em meu trabalho.

kitsch

kitʃ/

adjetivo de dois gêneros e dois números

1. **1.**

que se caracteriza pelo exagero sentimentalista, melodramático ou sensacionalista, freq. com a predileção do gosto mediano ou majoritário, e pela pretensão de, fazendo uso de estereótipos e chavões inautênticos, encarnar valores da tradição cultural (diz-se de objeto ou manifestação de teor artístico ou estético).

"literatura, pintura, decoração k."

2. **2.**

substantivo masculino

estilo artístico, tendência estética que apresenta estas características.☞ inicial maiúsc., em al.

"as massas manifestam amor pelo k."

Sempre pensei no Kitsch como algo ruim e não muito bom; mas não que ele não seja, porém eu não queria que minha arte fosse confundida com algo ruim ou não muito bom. Bem como o termo Queer explicado anteriormente, creio que o Kitsch ressurgiu a mim e pude o ver com outros olhos. Olhos esses de admiração e apressos.

Umberto Eco conta em “*História da Feiura*”, que os cultores do Kitsch consideram as obras Kitsch “semelhante” àquelas da grande arte, e que se a vanguarda *imita o ato de imitar*, o Kitsch *imita o efeito da imitação*.

Hermann Broch em “*O mal no sistema de valores da arte*”, diz que o romance Kitsch ilustra o mundo não “como é, mas sim como ele o deseja ou teme”. E é isso que busco em meu trabalho, a idealização de algo ou alguém.

Bem como o Kitsch deparei em minha pesquisa com o Camp, e esse sim, mais que o primeiro se assemelha ao meu trabalho. sem esquecer que o gosto *Camp* é atraído pela ambiguidade sexual. Mas o *Camp* certamente não desfruta o interessante no sentido de Schopenhauer e, se contempla um nu *pompier*, não é por complacência erótica, mas para gozar de sua patética falta de pudor contrabandeada como retorno à soberana impudicícia da grande arte clássica. (ECO, 1932)

Umberto Eco me mostrou, uma das chaves principais do meu trabalho, se assim posso colocar; a ambiguidade sexual que está presente, mas ao mesmo tempo não está explícita.

o gosto *Camp* toca uma das verdades menos reconhecidas do gosto: a forma mais refinada de atração sexual (assim como do prazer sexual) consiste em ir contra a inclinação sexual do próprio sexo. O que há de mais belo nos homens viris é algo de feminino; o que há de mais belo nas mulheres femininas é algo de masculino (SONTAG, 1964)

Susan Sontag não pôde me encher mais de alegria com suas *Notas sobre o Camp*. No trecho a cima ela traz algo muito semelhante ao que diziam os Dzi Croquettes, grupo mencionado nas influências mencionadas anteriormente, com seu lema “a força do macho e a graça da fêmea”. Essa é uma das frases mais marcantes que já ouvi, e a que mais me caracteriza, bem como a meu trabalho.

O gosto *Camp*”recusa a distinção entre belo e feio típica do juízo estético comum (...) Não sustenta que o belo é feio ou vice-versa. Limita-se a oferecer á arte (e à vida) um conjunto de critérios de juízo diversos, e complementares (ECO, 1932)

Aqui Eco traz uma questão pontual que percorre o Kitsch, e que é sanada no Camp, vejo que meu trabalho reside muito mais no Camp que não Kitsch, embora exista algo de Kitsch nele.

Camp é uma gíria para comportamento, atitude ou interpretação exagerada, artificial ou teatral; ou ainda um adjetivo que significa algo de mau gosto, muito artificial, exagerado, "cafona" ou "brega".

Capítulo III

Ou teoria sobre ensaio

Aproximadamente 547.000 resultados (0,33 segundos)

Dicionário

ateliê 

ateliê

substantivo masculino

1. local onde artesãos ou operários trabalham em conjunto, numa mesma obra ou para um mesmo indivíduo; oficina.
"a. de costura"
2. local preparado para a execução de trabalhos de arte, fotografia etc.; estúdio.
"montou seu a. de pintura em Ipanema"
3. *p.ext.* grupo de artistas, assistentes e aprendizes que trabalham sob a direção de um mestre artista ou artesão.
"o a. dos della Robbia"

Origem

○ ETIM fr. *atelier* 'lugar onde um artista trabalha (a madeira)'

Traduzir ateliê para o

1. studio

 Mostrar menos

[Feedback](#)

Aproximadamente 305.000 resultados (0,29 segundos)

Dicionário

camarim 

camarim

substantivo masculino

1. *teat* divisão ou recinto, no teatro, onde os atores mudam de roupa e fazem a maquiagem, antes e depois de se apresentar.
2. nicho, altar ou trono em que se deixa exposta uma imagem de santo, vinho ou hóstias consagradas.
3. *mar* compartimento a bordo dos navios destinado à guarda de equipamentos, ger. de precisão, e à execução de vários serviços especializados.

Origem

○ ETIM orig.contrv.

Traduzir camarim para o

noun

1. cabinet
2. dressing-room
3. tiring-house

 Mostrar menos

[Feedback](#)

O ateliê é para o artista um dos ambientes mais importantes na produção de seu trabalho, podendo também interferir de certa forma na inspiração.

É muito difícil falar e explicar como funciona a inspiração, por esse motivo prefiro não me arriscar tanto por esse caminho.

Meu foco aqui é o espaço físico destinado a produção artística, ou seja o ateliê.

Crio aqui um paralelo para comparar o ateliê a um camarim. Quais seriam as principais diferenças que distinguem esses dois ambientes?

Não vejo a princípio diferenças exorbitantes a esses dois lugares. O ateliê é um ambiente de constante criação. Ali o artista pode ter diversos trabalhos em diferentes níveis de desenvolvimento, mas o fato é que nesse ambiente, ele sempre produz, cria e idealiza... E o que seria nessa visão, o camarim? Também um local de constante produção, ou melhor, preparação, talvez fosse a palavra mais correta para se definir o que acontece ali dentro. Porém além de produção, acontecem também transformações. É ali que o ator ou o artista se transforma dando vida ao seu personagem, criando suas características, e se preparando para o espetáculo que logo virá. Também é onde acontece o processo inverso, quando o personagem se despede de seu intérprete e o ator volta ao “normal”.

Mas por que estou definindo isso? Bom, creio que haja grande semelhança entre esses dois ambientes, e creio que meu trabalho exista nessa linha tênue que os distingue e os une.

Não sei ao certo como explicar isso, mas tentarei. Também não sei se esse é o eixo, mas com certeza é um dos meios.

Meu trabalho principal, meu foco e minha meta é “Regina”, nome que escolhi para minha drag {ver Anexo III}, e digo que o camarim seja o meio porque é ali que acontece a transformação, é ali que deixo de ser eu mesmo e passa a surgir Regina, é ali que ela surge.

Nesse aspecto o camarim se confunde a um ateliê, já que o que estou criando ali é uma obra de arte.

Vendo Regina por esse prisma, de obra de arte, podemos definir que o camarim passa a ser um ateliê e vice versa.

Acho que essa é a grande questão do trabalho: definir Regina como obra de arte, porque é assim que a vejo, e é assim que a imagino. Para ser sincero não a vejo existindo, melhor dizendo, não a vejo “vivendo”. Sei que este conceito está um tanto quando abstrato, mas o que quero dizer é que vejo Regina como algo muito mais visual do que real! Ela pode existir em imagens, desenhos, pinturas, gravuras, e principalmente na imaginação, como existe na minha. E o que espero das pessoas, que também consigam “imaginá-la”.

O poder da visualidade sempre foi o que mais me interessou, na vida, e principalmente nas artes. E é isso que me instiga nas “Drag Queens”. A visualidade que elas produzem, com suas roupas e maquiagens coloridas, suas perucas e cílios gigantescos. A visualidade que as Drags têm é incrível! Elas conseguem se destacar em qualquer ambiente, claro que não somente por conta disso, mas principalmente por isso.

Aproximadamente 37.300.000 resultados (0,46 segundos)

Dicionário

ensaio

ensaio

substantivo masculino

1. ato ou efeito de ¹ensaiar.
2. avaliação crítica sobre as propriedades, a qualidade ou a maneira de usar algo; teste, experimento.
"tubo de e."
 - *eng.mec* maneira de testar as propriedades mecânicas de material, equipamento etc., usando como parâmetro normas técnicas e requisitos preestabelecidos.
3. ação ou efeito de testar (algo) ou de agir, sem que se tenha certeza do resultado final; tentativa, experiência.
"um modesto e. no mundo da moda"
4. *bail mús teat* montagem experimental de um espetáculo a portas fechadas, que vale como sessão preparatória à estreia para o público.
5. *fisquím* operação científica que visa analisar e descrever as propriedades físico-químicas de um corpo.
6. *lit* prosa livre que versa sobre tema específico, sem esgotá-lo, reunindo dissertações menores, menos definitivas que as de um tratado formal, feito em profundidade.

Origem

○ ETIM lat.tar. *exagium*, 'ato de pesar; ponderar, avaliar'

Pois bem, eu muito disse sobre o “meu trabalho”, “minha arte” muito embora eu não o tenha definido ou explicado.

Bem, creio que isso se deve ao fato de não ter como definir ou concluí-lo.

Porém a definição a cima da palavra “ensaio”, me ajuda a esclarecer grande parte. “Ato ou efeito de ensaiar”, “avaliação crítica sobre as propriedades ou a maneira de usar algo; teste, experimento”, é isso que estou a fazer, é isso que busco; um ensaio sobre Regina; Um teste, um experimento; de como fazer, quais seus limites, formatos, alcances.... Não quero de modo algum, ainda mais em um estado tão primário delimitar ou retratar. Prefiro deixar isso a cargo do meu expectador ou leitor. Meu papel ou minha função nesse momento, bem como a característica do meu trabalho, é ajudar de toda forma possível a elucidação de Regina. Minha pretensão não é no momento chegar a ela, creio que esse pode ser um caminho longo e árduo, e talvez o que surja por agora pode parecer bem tosco.

Então deixo a você leitor, o papel de inventar, fantasiar, idealizar “Regina”.

Pretensões futuras

Não vejo um futuro longe das artes. Muito menos longe de Regina!

Não sei ao certo como será nossa relação futura, nem ao certo se ela existirá. Mas o ensaio dela, isso é certo.

Costumo fazer uma analogia bem boa sobre estudos e pesquisas. Como bom cozinheiro que sou, os vejo como um caldo, uma sopa. Para esses ficarem bons precisam dos ingredientes certos, e também de um bom tempo de preparo.

Com a combinação certa de ingredientes, mais interessante fica a mistura e quanto maior o tempo que ele ficar no fogo, maior e mais apurado ficara o sabor.

Não se pode esperar muito de uma sopa feita em 5 minutos, não dará nem tempo da água esquentar direito.

Da mesma maneira se dá em trabalhos e pesquisas. Precisa-se dos conteúdos certos e de um tempo bom para apuração dos mesmos. E quanto maior o tempo, maior também a quantidade de conhecimento, dos elementos certos. De se fazer experiências, de esboçar, de jogar tudo fora e começar de novo.

Mas uma coisa que fica, e no meu caso em particular ficou: é o gosto pela pesquisa. Não é atoa que este trabalho tem um irmão gêmeo bivitelino. Isso é, eles estão sendo gerados ao mesmo tempo, porém tem formas diferentes.

O irmão desse existe na licenciatura. Seu interesse, e sua pesquisa é sobre a criatividade, e como desenvolvê-la. Assim sendo, ao se encontrarem em sala de aula, pretendem tornar as próximas gerações cara vez mais criativas.

Referências

BAKER, Roger. **Drag: a History of Female Impersonation in the Performing Arts**. Nova Iorque: New York University Press, 1994.

ECO, Umberto, 1932. **História da Feiura**. Ed.; 4^a - Rio de Janeiro: Record, 2015.

LOBERT, Rosemary. **A palavra mágica: a vida cotidiana dos Dzi Croquettes**, ed. Unicamp, Campinas: 2010

LOURO, G. L. **Um Corpo Estranho. Ensaios sobre sexualidade e teoria Queer -2**. Ed.; 3a. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

Luiz Lugani Gomes (2003). *Novo Dicionário de Expressões Idiomáticas Americanas*. [S.l.]: Cengage Learning Editores. p. 66.

SANTOS, C. C. C. Livros de Lilitt: **Processos de construção de um corpo performático**. 2008. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. *Tendencies*. Durham: Duke University Press, 1993.

Sontag, S., “Note sul Camp”, in *Contro l’interpretazione*, Milão, 1987.

Raphael Alvarez e Tatiana Issa. *Dzi Croquettes* [Filme] Tria Produções. Brasil 2009.

100 Years of Drag Queen Fashion -https://www.youtube.com/watch?v=qk7ChII_Up0

Anexo I



Figura 1 - Madame Butterfly, ópera de Giacomo Puccini.



Figura 2 - Jean Malin em Pansy Craze.



Figura 3 - Francis Renault, impressionista feminino.



Figura 4 - Lavern Cumming, Drag da década de 50.



Figura 5 - Danny La Rue, Drag da década de 60.



Figura 6 - Divine, Drag da década de 70.



Figura 7 - David Bowie, músico nos anos 80.

Anexo II



Figura 8 – RuPaul

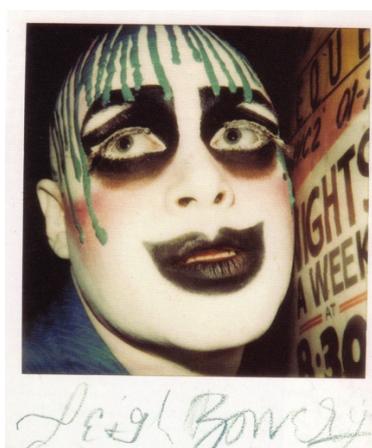


Figura 9 - Leigh Bowery



Figura 10 – Laerte



Figura 11 - Tirinha de Muriel, da cartunista Laerte



Figura 12 - Andy Warhol



Figura 13 - Divine



Figura 14 - Dzi Croquettes



Figura 15 - Pierre et Gilles



Figura 16 - Foto de David LaChapelle



Figura 17 Retrato de Cindy Sherman



Figura 18 - Grayson Perry



Figura 19 - Retrato de Yasumasa Morimura



Figura 20 - Claude Cahun



Figura 21 - Alex Vallauri



Figura 22 - Ulay

Anexo III

Sobre Regina

Ou melhor, o “por que” ser Regina.

Desde que tive contato com o universo Drag quis fazer parte dele. Não sei se exatamente de cara, mas sabia que aquilo era para mim.

Então veio o dilema do nome, qual poderia ser suficientemente bom? Qual nome estaria a altura que seria incrível e eu nunca “enjoaria” digamos assim.

É diferente de quando nascemos e recebemos nosso nome, pois este é o nome que nos acompanha ao longo de nossa vida e o qual aprendemos a gostar {ou não, nesse caso você pode trocá-lo em cartório. Mas o ponto aqui é outro}, e nem devemos pensar muito sobre isso, e se pensarmos não gasta muitas horas ou noites de sono, geralmente pergunta a seus pais o porquê e se contenta com a resposta.

No meu caso, eu teria que escolher o nome. Perguntei a minha mãe qual ela daria se eu tivesse nascido menina, a qual não se mostrou muito feliz com o teor da conversa, e eu também acho que não fiquei muito feliz com a resposta, porque se não tivesse nascido menino hoje eu seria Barbará.

Há uma tradição no meio drag em que a “mãe¹⁰” batiza sua filha; mas como eu sou uma pequena “órfã”, quis eu mesmo escolher meu nome. A princípio pensei em “It’s a bela” um trocadilho em inglês que quando pronunciado soaria como Isabela. Porém, com o tempo a ideia foi se tornando um tanto quanto estúpida, e logo a deixei de mão.

Então fui revisitando em minha memória que nome feminino seria tão incrível e que pudesse sempre me deixar feliz. Foi então que cheguei a Regina! Em que três personagens me inspiraram e me inspiram por serem incríveis. A primeira é Regina George (Rachel McAdams), personagem do filme Meninas Malvadas¹¹ e também a antagonista. No filme, que acontece em uma escola de ensino médio, Regina é uma adolescente super popular e que gosta de ter todos a seu comando e disposição.

A segunda é Regina Mills (Lana Parrilla), personagem da serie Once Upon a Time¹², e curiosamente também é a vilã. A série se passa numa cidade fantasiosa em que

¹⁰ Mães drag são pessoas que já fazem a arte drag e ajudam outras pessoas a entrar no meio

¹¹ Mean Girls (Maninas Malvadas) é um filme Americano de 2004 dirigido por Mark Waters e escrito por Tina Fey.

¹² Once Upon a Time é uma série de televisão Americana de drama e fantasia criada por Adam Horowitz e Edward Kitsis. Estreou em 23 de outubro de 2011, na emissora ABC.

os personagens dos contos de fadas se refugiam após uma maldição. Lançada por quem? Isso mesmo, pela Regina {desculpa o Spoiler}. Regina é na verdade a Rainha Má, que ganha outro nome quando sai das terras encantadas, assim como todos os outros personagens.

A terceira e não por isso menos importante é Regina Phalange, e essa é a mais curiosa, já que ela é personagem da personagem.

No seriado Friends¹³ temos a personagem Phoebe Buffay (Lisa Kudrow), que é uma das minhas favoritas. Em alguns momentos do desenrolar da série, ela adquire o pseudônimo “Regina Phalange”, em diferentes momentos e contextos, o que mostra uma recorrência no uso do nome, como nas Drags.

Essas três personagens, bem como a interpretação delas pelas atrizes fizeram-me me apaixonar pelo nome.

E então decidi que meu nome de Drag seria Regina, porém o sobrenome tem sido algo extremamente difícil. Nada se compara e fica a altura de Regina, então preferi não ter um sobrenome, e ficar apenas com “Regina”, que ao meu ver já é o bastante.

Se visitarmos um dicionário de nomes acharemos o significado do nome Regina. Este tem origem na palavra em latim Regina, que significa Rainha, a maioral ou senhora dona de tudo

¹³ Friends é uma premiada sitcom Americana criada por David Crane e Marta Kauffman e apresentada pela rede de televisão NBC entre 22 de setembro de 1994 e 6 de maio de 2004, com total de 236 episódios.



Figura 23 - Regina George (Rachel McAdams)



Figura 24 - Regina Mills (Lana Parrilla)



Figura 25 - "Regina Phalange" (Lisa Kudrow)

Notas sobre o Camp

Aqui fiz um resumo das *Notas sobre o Camp* de Susan Sontag. Se encontram aqui tudo que de certa forma dialoga com meu trabalho e faz sentido ser considerado.

O gosto Camp tem afinidade com certas artes mais que com outras. Vestuário, mobília, todos os elementos de decoração visual, por exemplo, constituem grande parte do Camp. Pois a arte Camp freqüentemente é uma arte decorativa que enfatiza a textura, a superfície sensual e o estilo em detrimento do conteúdo.

Para começar de maneira bastante geral: Camp é um certo tipo de esteticismo. É *uma* maneira de ver o mundo como um fenômeno estético. Essa maneira, a maneira do Camp, não se refere à beleza, mas ao grau de artifício, de estilização.

Muitos exemplos de Camp são coisas que, de um ponto de vista "sério", são arte ruim ou *kitsch*. Nem todos, porém. Não só o Camp não é necessariamente arte ruim, como certa arte que pode ser encarada como Camp (exemplo: os importantes filmes de Louis Feuillade) merece a admiração e o estudo mais profundo.

Camp é uma visão do mundo em termos de estilo – mas um estilo peculiar. É a predileção pelo exagerado, por aquilo que está "fora", por coisas que são o que não são. O melhor exemplo está na Art Nouveau, o estilo Camp mais típico e mais plenamente desenvolvido.

Aliado ao gosto Camp pelo andrógino existe algo que parece bastante diferente mas não é: uma tendência ao exagero das características sexuais e aos maneirismos da personalidade.

O Camp vê tudo entre aspas. Não é uma lâmpada, mas uma "lâmpada", não uma mulher, mas uma "mulher". Perceber o Camp em objetos e pessoas é entender que Ser é Representar um papel. É a maior extensão, em termos de sensibilidade, da metáfora da vida como teatro.

No entanto, o ponto de partida mais correto é, ao que tudo indica, o final do século XVII e o início do XVIII, por causa da extraordinária sensibilidade daquela época ao artifício, à aparência, à simetria; seu gosto pelo pitoresco e pelo excitante, suas elegantes convenções na representação do sentimento momentâneo e na presença total do personagem

Portanto, a sensibilidade Camp é uma sensibilidade interessada no duplo sentido no qual é possível entender algumas coisas. Mas não se trata da construção familiar que distingue um sentido literal, de um lado, e um sentido simbólico, do outro. É, ao contrário, a diferença entre a coisa significando alguma coisa, qualquer coisa, e a coisa como puro artifício.

No Camp ingênuo ou puro, o elemento essencial é a seriedade, uma seriedade que falha. Evidentemente, nem toda seriedade que falha pode ser resgatada como Camp. Somente aquela que possui a mistura adequada de exagerado, de fantástico, de apaixonado e de ingênuo.

Quando algo é apenas ruim (e não Camp), freqüentemente é ruim porque sua ambição é demasiado mediocre. O artista não tentou fazer nada realmente exótico. ("É demais", "é fantástico demais", "Não dá para acreditar", são frases típicas do entusiasmo Camp.)

O gosto Camp dá as costas ao eixo bom-ruim do julgamento estético comum. O Camp não inverte as coisas. Não argumenta que o bom é ruim, ou que o ruim é bom. Ele apenas apresenta como arte (e vida) um conjunto de padrões diferente, suplementar.

Camp é a experiência do mundo consistentemente estética. Ela representa a vitória do "estilo" sobre o "conteúdo", da "estética" sobre a "moralidade", da ironia sobre a tragédia.

A questão fundamental do Camp é destronar o sério. O Camp é jocoso, anti-sério. Mais precisamente, o Camp envolve uma nova e mais complexa relação com o "sério". Pode-se ser sério a respeito do frívolo, e frívolo a respeito do sério.

O dândi no estilo antigo odiava a vulgaridade. O dândi novo estilo, o amante do Camp, aprecia a vulgaridade. Onde o dândi se sentiria continuamente ofendido ou aborrecido, o conhecedor do Camp sente-se continuamente divertido, deleitado. O dândi levava um lenço perfumado às narinas e costumava desmaiar; o conhecedor do Camp aspira o mau cheiro e se orgulha de ter nervos fortes.

É preciso explicar a relação peculiar entre gosto Camp e a homossexualidade. Embora não seja verdade que o gosto Camp é o gosto homossexual, existe indubitavelmente uma afinidade e uma imbricação peculiar. (...). Portanto, nem todos os homossexuais têm gosto Camp. Mas os homossexuais, em grande parte, constituem a vanguarda e o público mais articulado do Camp.

Não obstante, muito embora os homossexuais tenham sido sua vanguarda, o gosto Camp é muito mais do que gosto homossexual. Obviamente, sua metáfora da vida como teatro é particularmente adequada como justificativa e projeção de um certo aspecto da situação dos homossexuais.

As experiências do Camp baseiam-se na grande descoberta de que a sensibilidade da cultura erudita não possui o monopólio do refinamento. O Camp afirma que o bom gosto não é simplesmente bom gosto; que existe, em realidade, um bom gosto do mau gosto.

O gosto Camp é, acima de tudo, uma forma de prazer, de apreciação — não de julgamento. O Camp é generoso. Quer divertir. Só aparentemente é maldoso, cínico. (Ou, se é cínico, não é um cinismo impiedoso mas doce.) O gosto Camp não propõe que é de mau gosto ser sério; não zomba de quem consegue ser seriamente dramático. Ele descobre o sucesso em certos intensos fracassos.